

## OS SUFIXOS VERBAIS FREQUENTATIVO-DIMINUTIVOS EM PORTUGUÊS

Valter Kehdi  
USP

Os principais sufixos verbais frequentativo-diminutivos do português têm sido apresentados por lexicógrafos e gramáticos, com ligeiras divergências, o que pode levar-nos a crer que há uma relativa unanimidade no que se refere ao estudo desses morfemas.

J.F. Caldas Aulete, no *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa* (ed. de 1884), considera que *-icar*, *-iscar* e *-inhar* são compostos de *-ico*, *-isco* e *-inho* + *-ar*. Embora não dê a eles especial destaque, F. Adolpho Coelho, no *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portuguesa*, propõe a mesma análise, o que se depreende do exame de alguns verbetes; assim, *chuviscar* e *namoricar* são apresentados como derivados de *chuvisco* e *namorico*, respectivamente. Também fiel a essa posição, temos, mais recentemente, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de A.G. da Cunha.

Em contraposição a esses autores, mencionemos o importante estudo de Joseph H.D. Allen Jr., *Portuguese Word-formation with Suffixes*, em que se alia a perspectiva diacrônica à contrastiva, pelo cotejo constante com o espanhol, sem desprezar as possibilidades de esclarecimento que pode oferecer uma análise em constituintes imediatos; Allen Jr. reconhece como composto apenas *-iscar*.

Neste artigo, enfocaremos os sufixos *-icar*, *-iscar*, *-ilhar*, *-inhar* e *-itar*, apresentados nessa ordem, em função de critérios que explicitaremos mais adiante. Com exceção de *-inhar*, cremos que os demais são sufixos simples, como procuraremos mostrar ao longo destas páginas. Os exemplos examinados foram extraídos do *Dicionário de verbos e regimes* de Francisco Fernandes, que realizou um levantamento exaustivo, de mais de 10.000 verbos.

Esclarecemos, também, que nos colocamos numa perspectiva sincrônica, em virtude de contemplarmos apenas os casos em que esses sufixos são claramente depreensíveis no português atual. Ressalte-se, contudo, que o enfoque diacrônico foi utilizado como complementar, quando contribuía para explicar certos fatos, alicerçar algumas conclusões ou mesmo revelar curiosas oposições entre as duas perspectivas de análise.

1. O sufixo *-icar*. Apresentado como um sufixo composto, com base no verbo *namoricar* (de *namorico* + *-ar*), – em que o sufixo diminutivo pertence ao substantivo, ao qual se acrescenta a desinência verbal *-ar* –, é, na verdade, um sufixo simples, como o mostra uma análise mais profunda do próprio exemplo citado. Lembre-se que, em castelhano, temos os verbos *enamorar* e *enamorar*; considerando-se que, nessa língua, não existe o substantivo *\*enamorico*, *enamorar* só pode ter sido formado a partir de *enamorar*, com o acréscimo do sufixo *-icar*. Pode-se, assim, concluir que, em português, *namoricar* também se formou com base em *namorar*, forma aferética de *enamorar*; *namorico* é, portanto, um deverbal regressivo e não um primitivo (o que é confirmado pelo significado dinâmico do substantivo).

Notem-se, ainda, os pares: *adocicar/adoçar*, *corricar/correr*, *cosicar/coser*, *depenicar/depenar*, *gemicar/gemer*, *mordicar/morder*, *tossicar/tossir*. As formas em *-icar* são posteriores às simples e resultam do acréscimo do sufixo ao radical verbal; o valor freqüentativo e/ou de pouca intensidade da ação expressa pelos verbos em *-icar* confirma que eles são derivados das formas simples correspondentes.

Pelo cotejo com os demais pares apresentados, pode-se concluir que *adocicar* e *depenicar* não são formações parassintéticas (com base em *doce* e *pena*); da mesma forma que *corricar* é derivado de *correr*, *adocicar* procede de *adoçar* (este sim parassintético).

Alguns verbos, como *bebericar*, *mexericar*, *paparicar* e *saltaricar*, constituem formações curiosas, em que o sufixo se atrelou aos infinitivos simples, e não aos radicais verbais.

O sufixo latino *-icare*, freqüentativo ou diminutivo, acrescentado a radicais nominais ou verbais, evoluiu normalmente para o português através das formas *-igar*, *-egar*, *-gar* e, mais raramente, *-icar* e *-car* (cf. J. Allen Jr. - *op.cit.*, § 152). Ao contrário do que afirma o autor, *-icar* não figura apenas em formas cultas (como *claudicar*); os exemplos acima mostram-nos que *-icar* readquire em português a sua produtividade (à semelhança do que ocorre com a vogal de ligação latina *li*, em vocábulos como *cacaulcultor* e *cafelcultor*).

2. O sufixo *-iscar*. Igualmente dado como sufixo composto de *-isco* + *-ar* (cf. Aulete - *op.cit.*, p.1007; A.G. Cunha - *op.cit.*, s.v., p.447). Contudo, o exemplo mais citado, *chuviscar*, analisado como derivado de *chuvisco*, pode ser interpretado de outra maneira.

A existência de pares como *comiscar/comer*, *lambiscar/lamber*, *torricar/torrar* sugere que *chuviscar* se associa a *chover*. Formas como *lambisco* e *lambiscadela* (com o sufixo *-dela*, que exprime ação e se prende, portanto, a um radical verbal), indiscutivelmente deverbais de *lamber*, reforçam a hipótese da relação de *chuviscar* com *chover*. Acrescente-se, ainda, que no REW está registrada a forma *chouviscar*, derivada de *chouver* (cf. n.º 6610); o *Novo Dicionário Popular da Língua Luso-brasileira*, de A. Lopes Vieira, adota a grafia *chovisco* (cf.p.260), que remete a *choviscar*. Confirmam-no, também, o catalão *plovisca* (de *ploviscar*) e a

forma asturiana *lloviscar*. Essas observações permitem, portanto, estabelecer a derivação: *chover* > *choviscar/chuviscar* > *chovisco/chuvisco*, o que faz da última forma um deverbal regressivo.<sup>1</sup>

O sufixo *-iscar* pode ligar-se a radicais substantivais, como *amoriscar* e *fariscar*. Surge, assim, a dúvida relativa à formação de *neviscar*: procede de *neve* ou de *nevar*? O exame do vocábulo, isoladamente, permite interpretá-lo como derivado de um ou de outro; entretanto, o cotejo com os pares como *lambiscar/lamber*, *mordiscar/morder*, *torriscar/torrar* sugere que a derivação mais provável é a partir de *nevar*.

Paralelamente a *-iscar*, temos a variante *-uscar* em alguns poucos verbos: *chamuscar*, *coruscar* (ao lado de *coriscar*), *rebuscar/rabuscar* (de *rebusco/rabusco*), junto a *rabiscar*.

A referência ao sufixo *-iscar*, como específico de determinada língua românica, está em F. Diez (*Gramm. des Langues Romanes* - v.II,p.376), que chama a atenção para a variante *-uscar*, em *chamuscar*, mas não discute a origem do sufixo. A *Gramm. des Langues Romanes*, de Meyer-Lübke, nem mesmo o menciona. Segundo J.Allen Jr., *-iscar* resulta do ascricismo de *-ar* a substantivos que contenham o sufixo *-isco*. Posteriormente, *-iscar* estende-se a outros radicais, como *fariscar*, de *faro* (cf. *op. cit.*, § 156). Os primitivos de que parte (*chovisco*, *lambisco*) são, na realidade, deverbais regressivos, como já o assinalamos.

Creemos que os exemplos dados por Diez nos fornecem pistas para a explicação da origem do sufixo; *mordiscar*, *pellizcar/beliscar* e *petiscar* são formas ibéricas. Com efeito, *-iscus*, de origem controvertida, só mantém o *-i-* no português e no espanhol; é, portanto, plausível supor que *-iscar* tenha surgido de verbos em *-iscu(s) + -are*, utilizados na Península Ibérica, no latim medieval, onde deve ser investigada a forma que serviu de modelo. A confirmar essa hipótese, temos as variantes em *-uscar*, já apontadas; lembre-se que *-isco* apresenta as variantes *-asco*, *-esco* e *-usco*<sup>2</sup>. É também possível, com base nos exemplos de Diez, entrever outra explicação: *mordiscar* é posterior a *mordicar* e constitui caso de permuta de sufixos; *pellizcar/beliscar*, em função das variantes que apresentam (sobretudo em espanhol), e os diferentes sentidos de *petiscar* sugerem cruzamentos que poderiam elucidar o problema.

**3. O sufixo *-ilhar*.** Segundo A.G. Cunha, este sufixo resulta da combinação de *-ilho* com a desinência *-ar* e os exemplos apresentados são *dedilhar*, *fervilhar* e *polvilhar* (cf. *op.cit.*, s.v. *-ilhar*, p.424).

O primeiro e o último exemplos são suficientes para mostrar-nos que essa análise é problemática. Não existe, em português, o diminutivo *dedilho*, embora seja comum em espanhol; tampouco podemos pensar num castelhano *\*dedillar*, forma inexistente nessa língua (o verbo utilizado é *teclear*). No caso de *polvilhar*, o radical é indiscutivelmente um castelhanismo; contudo, dada a inexistência dessa forma verbal em espanhol (onde o correspondente é *(es)polvorear*, antes *polvorar*),

podemos concluir que esse verbo se formou em português, pelo acréscimo de *-ar* a *polvilho*.

Aliás, há vários exemplos de substantivos em *-ilho(a)*, provenientes do castelhano, que entram na formação de verbos da 1ª conjugação, em nossa língua, mas que não têm correspondentes verbais no idioma vizinho. A título de ilustração, destacamos dois exemplos:

<i>Espanhol</i>		<i>Português</i>	
substantivos	verbos	substantivos	verbos
<i>cedilla</i>	–	<i>cedilha</i>	<i>cedilhar</i>
<i>estribillo</i>	–	<i>estribilho</i>	<i>estribilhar</i>

Obviamente, não temos, aqui, o sufixo *-ilhar*, e sim o acréscimo de *-ar* a nomes que já contêm o sufixo *-ilho(a)*, como o confirma uma análise em constituintes imediatos.

Portanto, só existe o sufixo *-ilhar* em formas em que essa terminação se anexa a radicais verbais (como *cortilhar* e *fervilhar*) ou nominais que não admitem um diminutivo em *-ilho* (como *dedilhar*). Esses aspectos distribucionais (válidos também para os demais sufixos aqui estudados) mostram que não se trata de um sufixo composto, contrariamente ao que afirma A.G. Cunha. Com efeito, do ponto de vista diacrônico, *-ilhar* é o resultado da evolução normal do latim vulgar *-iculare* (cf. Meyer-Lübke - *Gramm...* (II), § 581; J. Allen Jr. - *op.cit.*, § 154).

4. O sufixo *-inhar*. Cremos ser este um sufixo originariamente composto, de formação vernácula, resultante do acréscimo de *-ar* a *-inho* (cf. Aulete - *op.cit.*, s.v., p.970; A.G. Cunha - *op.cit.*, s.v. *-inhar*, p.436).

Diacronicamente, considera-se que *-inhar* é a evolução normal de *-inare* (cf. J. Allen Jr. - *op.cit.*, § 155). Saliente-se, porém, que *-inare* não evolui normalmente para *-inhar* em português, como o indicam os exemplos: *nominare* > *nomear*; *ruminare* > *rumiar* e *seminare* > *semeiar*<sup>3</sup>. O castelhano, que tem também o sufixo *-iñar*, apresenta as formas *nombrar* e *sembrar* (de *nominare* e *seminare*).

Essas observações levam-nos a crer que a origem de *-inhar* é outra, provavelmente vernácula. Curiosamente, alguns verbos em *-inhar* têm como radicais nomes de animais, com os quais é comum o emprego do sufixo diminutivo *-inho*, popular: *passarinhar*, *patinhar*, *raposinhar*. Acrescente-se, ainda, que *cuspinhar* pode ser derivado de *cuspe* (ou de *cuspinho*, forma mais utilizada em Portugal). Não seria, portanto, absurdo supor que a esses diminutivos se anexou a desinência *-ar*, do que resultou a criação do sufixo composto *-inhar*, com a posterior perda da consciência do processo de formação.

Há casos em que *-inhar* se apresenta como variante de *-inar*: *encoquinhar* (var. de *encoquinar*), por provável influência de *cozinhar*; *esgraminhar* (var. de *esgraminar*), em que a vogal anterior determinou a palatalização da nasal (explicação também válida para *encoquinhar*) e *rapinhar* (ao lado de *rapinar*), por influência castelhana.

Em virtude dos aspectos apresentados, é preferível considerar que, atualmente, *-inhar* não se apresenta como sufixo composto e procurar apreciar os casos em que ele figura, através de um enfoque sincrônico. Examinemos os verbos *passarinhar* e *patinhar*, analisados por Aulete como derivados de *pássaro* e *pato*, acrescentados do sufixo *-inhar* (cf. *op. cit.*, p.1306 e 1310). Para Antenor Nascentes, *passarinhar* é formado de *passarinho* + desinência *-ar* (cf. *Dicionário Etimológico Resumido*, s.v, p.557); *patinhar*, por sua vez, é derivado de *pato* + *-inhar* (ibid., p.559). A análise de Aulete parece-nos a mais correta: segmenta duas formas paralelas da mesma maneira (o que é mais coerente) e pode ser confirmada por uma análise em constituintes imediatos. Ao expor os princípios que norteiam esse tipo de análise, E. A. Nida propõe, em primeiro lugar, que as divisões devem amoldar-se às relações significativas (cf. *Morphology*, p.91); ora, os significados de *passarinhar*, “andar à caça dos pássaros”, e de *patinhar*, “bater ou agitar a água como faz o pato” (cf. Aulete - *op.cit.*, p.1306 e 1310) estão mais de acordo com as divisões *pássaro/pato* + *-inhar*. Ressalte-se, entretanto, que o uso corrente de *passarinho*, por *pássaro*, pode também justificar a divisão *passarinho* + *-ar*.

Um exemplo esclarecedor é o verbo *abespinhar*. Pode ser analisado como derivado de *bespa* (cf. Aulete - *op.cit.*, p.8) ou de *bespinha* (cf. R.F.M. Guérios - *Dicionário de Etimologias ...*, p.2). Como se trata de uma formação parassintética, a comparação com outros parassintéticos em *-inhar* possibilita a proposta de um quadro mais homogêneo e coerente: *estracinhar*, *esverdinhar* e *esturvinhar*, de base nominal (*traça*, *verde* e *turvo*, respectivamente), mostram que o sufixo é *-inhar*. Portanto, é mais plausível reconhecer em *abespinhar* a base *bespa* (como em *espezinhar*, a base *pê*).

Acrescentem-se aos exemplos acima os pares *acocorar/acocorinhar*, *cuspir/cuspinhar*, *escrever/escrevinhar*, em que a adjunção do sufixo aos radicais verbais, associada ao valor frequentativo das formas em *-inhar* (em oposição às formas primitivas) indica que estas são posteriores e que o sufixo em questão não pode ser interpretado como composto<sup>4</sup>.

As observações acima sugerem que é mais coerente decompor *passarinhar* e *patinhar* como fez Aulete e reconhecer nesses verbos o sufixo *-inhar*.

Não devemos destacar um sufixo *-inhar* em formas verbais em que *-inho* já faz parte do radical: *daninhar* e *escarninhar* procedem dos adjetivos *daninho* e *escarninho*; *campainhar* é derivado de *campainha*; *esfarinhar* é parassintético, cuja base é *farinha*. Nesses exemplos, uma análise em constituintes imediatos revela que o sufixo verbal *-ar* se acrescentou a nomes em *-inho*. Lembre-se que essa análise implica também o exame do significado do vocábulo. Se *passarinhar* pode ser decomposto em *passarinho* + *-ar*, em *patinhar* e *raposinhar* os significados indicam que a melhor segmentação é *pato* + *-inhar* e *raposa* + *-inhar*. Temos, aqui, um sub-

sistema com radicais representados por nomes de animais; é mais econômica a análise que propõe um tratamento homogêneo para o conjunto.

5. O sufixo *-itar*. É o único sufixo que, diferentemente dos acima arrolados, não é dado como composto. De fato, do ponto de vista diacrônico *-itare* foi anexado a radicais verbais (ou a verbos em *-tare*) para a formação de verbos freqüentativos, aos quais se acrescentava o valor intensivo<sup>5</sup>. Com o desaparecimento de muitos dos verbos simples correspondentes, os derivados em *-itare* passaram a substituí-los e perderam, assim, o valor freqüentativo intensivo que tinham inicialmente.

Temos, em português, alguns verbos em *-itar*, na maioria formações cultas. Ressalte-se, contudo, que o exame desse conjunto revela que ele não é homogêneo.

Inicialmente, consideremos os quatro verbos apontados como freqüentativo-diminutivos: *chupitar*, *dormitar*, *saltitar* e *volitar*, formados com base em radicais verbais. Sem dúvida, a idéia de repetição opõe-se à amplitude da ação, o que implica a associação do valor freqüentativo ao diminutivo; parece-nos, todavia, que o valor predominante é o iterativo. Em decorrência da associação com *-ito* (injustificável do ponto de vista etimológico) e, por conseguinte, com os demais sufixos diminutivos aqui apontados, foi-se introduzindo o valor diminutivo. Confirma-o o fato de terem surgido, em português, formas paralelas em *-inhar*: *chupinhar*, *dorminhar*, *saltinhar/saltarinhar*, ainda não registradas na edição de 1884 do *Diccionario de Aulete*.

Notem-se, ainda, alguns verbos mais recentes em *-itar*, que expressam vozes de animais, portanto de valor essencialmente freqüentativo: *cucuritar* (ao lado de *cucuricar*, por *cocoricar*), *gracitar* (por *grasnar*), *pipitar* (ao lado de *pipilar*, anterior), *rugitar* (de *rugir*). (Terão sofrido influência analógica de *crocitar*, mais antigo?).

Merecem, também, destaque alguns verbos em *-itar*, de valor causativo, formados a partir de bases adjetivas: *capacitar*, *debilitar*, *facilitar*, *habilitar*, *nobilitar*, *possibilitar*. Alguns radicais são cultos, o que indica tratar-se de formações tardias. Note-se que, aqui também, se pode perceber o caráter pouco produtivo de *-itar*, pois alguns desses verbos foram substituídos por outros em *-izar*, causativo por excelência: *agilitar* e *imbecilitar*, hoje *agilizar* e *imbecilizar*.

6. Permuta de sufixos. Nos parágrafos anteriores, tivemos a ocasião de apontar alguns exemplos de permuta entre os sufixos examinados. Aqui, retomamos e desenvolvemos esse importante aspecto.

Inicialmente, cabe esclarecer que a troca de sufixos é relativamente comum na morfologia nominal e verbal do português, como o mostram os pares seguintes: *beldade/beleza*, *raivecer/raivejar*, *(a)formosear/(a)formosentar*. Esse fenômeno ocorre em virtude de semelhanças fonéticas ou de sinonímia entre os sufixos; às vezes, estabelecem-se diferenças entre as formas ou, então, uma delas pode cair em desuso.

No caso dos sufixos verbais freqüentativo-diminutivos, *-inhar* substitui-se com maior freqüência aos outros: ao lado de *pontilhar*, temos *pontinhar*; e também: *chuviscar/chuvinhar*, *peguilhar/peguinhar*<sup>6</sup>.

Digna de nota é, também, a extensão de *-iscar*, embora menos comum que a de *-inhar*: *mordicar / mordiscar*, *namoricar / namoriscar*, *torricar / torriscar*. Os exemplos indicam que *-iscar* normalmente substitui *-icar*, provavelmente em decorrência da semelhança fonética. *Mordicar* é forma mais antiga que *mordiscar*; o grande número de verbos em *-icar* que não conhecem variantes em *-iscar* levamos a supor que é *-iscar* que invade o terreno de *-icar*, e não o contrário. Todavia, essa conclusão só pode ser alicerçada pela verificação de datações precisas<sup>7</sup>.

Alguns dos sufixos aqui estudados podem alternar com outros, como *-ecer*, incoativo: *enturvecer/enturviscar*, *escarnecer/escarnicar*; *-ear*, freqüentativo: *escoicear/escoicinhar*. Compreende-se, assim, que esses sufixos tendam a perder seu significado primitivo básico ou a adquirir novos valores.

\*

O valor freqüentativo dos sufixos aqui examinados associa-se normalmente à idéia de diminuição, pois a repetição opõe-se à amplitude da ação. Eis por que devem ser considerados como sufixos freqüentativo-diminutivos<sup>8</sup>. Todavia, cumpre esclarecer que nem sempre o valor freqüentativo se liga ao diminutivo; levem-se em conta, p.ex., os verbos em *-ejar*: *apedrejar*, *chamejar*, nos quais não se observa a idéia de diminuição. Pode-se, portanto, afirmar que o valor diminutivo decorre de um traço morfológico, isto é, do reconhecimento de segmentos correspondentes aos sufixos diminutivos *-ico*, *-isco*, *-ilho*, *-inho*, nos morfemas verbais aqui arrolados. As permutas que ocorrem entre eles e com outros justificam a perda ou a atenuação do valor diminutivo, o que mostra que, atualmente, não é esse o seu valor básico.

Com exceção de *-inhar*, não apresentam o caráter de sufixos compostos, embora, do ponto de vista diacrônico, tenham resultado do acréscimo da terminação verbal a sufixos nominais<sup>9</sup>.

A ordem de apresentação adotada baseou-se em critérios morfológicos. Em primeiro lugar, os sufixos simples: *-icar*, *-iscar* (em virtude da freqüente substituição deste último àquele) e *-ilhar*. Em seguida, *-inhar*, composto provavelmente de formação vernácula. Finalmente, *-itar*, por não estar vinculado a nenhum sufixo nominal e figurar em um grande número de cultismos.

Encerrando nossas considerações, salientemos que o exame detido desses sufixos verbais permite, também, esclarecer importantes questões relativas à morfologia portuguesa. A discussão do caráter simples ou composto remete a problemas de segmentação morfemática que, uma vez elucidados, possibilitam um tratamento mais detalhado de alguns processos de formação vocabular: *chuvisco* e *namorico* são, a rigor, deverbais regressivos; *adocicar* não é parassintético, e sim derivado sufixal, pois é formado a partir de *adoçar*. Dessa forma, um estudo

acurado das derivações regressiva e parassintética, em alguns de seus aspectos, apoia-se necessariamente em muitas das observações acima apresentadas.

### NOTAS

- 1- A associação direta de *chuvisco* com *chuva* deve ter contribuído para a grafia com *-u-*.
- 2- Sem dúvida, a explicação proposta por J. Allen Jr. é a que mais se aproxima de nossa hipótese. As únicas ressalvas a fazer é que ele apresenta a origem do sufixo no português, sem levar em conta o espanhol, e alguns dos exemplos (*chovisco*, *lambisco*) não correspondem a primitivos.
- 3- A única exceção que conhecemos é *cozinhar* < lat.tardio *cocinare*.
- 4- Observe-se que ocorre fenômeno semelhante com alguns verbos em *-icar*, como já o assinalamos (cf., aqui, p.2).
- 5- Para maiores detalhes, consulte-se T.H. Maurer Jr. - *Gramática do Latim Vulgar*, p.277-8.
- 6- Ressalte-se que estamos levando em conta apenas a permuta dos sufixos verbais. Assim, no par *esfarelar/esfarinhar*, não temos extensão de *-inhar*, pois os dois verbos são parassintéticos, cujas bases são *farelo* e *farinha*, respectivamente.
- 7- Note-se, também, *troviscar* (por *trovejar*), análogo de *coriscar*.
- 8- Cf. A., Werner - *Diccionario de Terminología Lingüística Actual*, s.v. *disminutivo* (p.158-9).
- 9- Cf. T.H.Maurer Jr. - *op.cit.*, p.275 (*-icare*) e 276 (*-ulare*).

### BIBLIOGRAFIA

#### I. Textos teóricos

- ALLEN Jr., Joseph H.D. - *Portuguese Word-formation with Suffixes*. Supplement to *Language*, Baltimore, Maryland, 17 (2): 1-143, April-June, 1941.
- DIEZ, Frédéric - *Grammaire des Langues Romanes* (traduit par A. Morel-Fatio et. G. Paris). (v.2) Paris, A. Franck, 1874 (v.2).
- MAURER Jr., Theodoro Henrique - *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.



- MEYER-LÜBKE, W. - *Grammaire des Langues Romanes* (trad. franc. par A. Doutrepoint et G. Doutrepoint). (v.2) Paris, G.E.Stechert, 1923 (v.2).
- NIDA, Eugene A. - *Morphology*. 2nd ed. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1949.

## II. Dicionários

- ABRAHAM, Werner - *Diccionario de Terminología Lingüística Actual* (versión española de Francisco Meno Blanco). Madrid, Gredos, 1981.
- AULETE, J. F. Caldas - *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1884 (2v.).
- COELHO, F. Adolpho - *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portuguesa*. Lisboa, P. Plantier, (s.d.)
- CUNHA, Antônio Geraldo da - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FERNANDES, Francisco - *Dicionário de Verbos e Regimes*. 4.ed. Porto Alegre, Globo, 1974.
- GUERIOS, R. F. Mansur - *Dicionário de Etimologias da Língua Portuguesa*. São Paulo, Edit. Nacional/Edit. da Univ. Fed. do Paraná, 1979.
- NASCENTES, Antenor - *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro, INL/MEC, 1966.
- VIEIRA, A. Lopes - *Novo dicionário Popular da Língua Luso-brasileira*. Lisboa, Avelar Machado, 1936.

\*\*\*